

INFORMAÇÃO À ACADEMIA

REQUIEM PELO CONSELHO DE REPÚBLICAS

Numa altura em que a política do capital, devido às necessidades prementes de acumulação, tomava através de seu porta-voz, -Governo-, uma forma francamente fascista e em que o sistema nem sequer podia comportar uma certa contestação maleável e contrista, o Conselho de Repúblicas encontrou um meio propício para trabalhar: afastamento das massas, não existência de grupos teóricamente formados, e conseqüentemente, impossibilidade de funcionamento das estruturas autenticamente representativas.

Substituindo-se às organizações de massa, e aproveitando-se da consciência democrática do estudante, que não punha em causa as contradições sociais nas suas últimas conseqüências, -a luta de classes -, o Conselho de Repúblicas lança-se num processo de luta que conseguiu em determinada época histórica apoio das massas, mas que estas, pela sua dinâmica própria, viriam a ultrapassar. Torna-se então, o Conselho de Repúblicas, o eco da consciência retrógradaxdas camadas mais recuadas dos estudantes. Assim, a Direção da A.A.C. de 68/69, Direção C.R., apresentou-se ainda durante a sua legislatura como refradora dos estudantes, quando os aconselhou em Outubro/69 a pararem o seu movimento e a irem a exames.

Note-se ainda que o programa desta Direção, dada a extrema centralização do organismo de que provinha, não foi elaborado através de discussões a nível de Repúblicas, nem sequer a nível de Conselho, mas simplesmente cozinhado por um determinado número de cabeças.

De facto debruçamo-nos sobre uma organização que funciona em moldes de uma democraticidade falsa e caracterizada por um centralismo acentuado. Isto, porque de escalão em escalão (o delegado da casa é representante da maioria; o Conselho emite a opinião da maioria) vai havendo sucessivamente uma marginalização de um largo sector de opinião do próprio Conselho. A decisão resulta, portanto, dum longo processo de refinamento. (na hipótese de existirem 30 Repúblicas, a decisão da maioria de 16 Repúblicas vincula todos os elementos das restantes.) Não há dúvida quanto ao falseamento da democraticidade directa que só poderia ser dada^o pela Assembléia Geral de todos os elementos de todas as casas.

Esta esclerose organizativa irá permitir o domínio "teórico" (teoria reformista) de elementos de determinadas repúblicas sobre todas as outras (neutras, caladas como tumbas).

Nem nós nem o Movimento Estudantil está interessado em que o Conselho de Repúblicas, como já o tem vindo a fazer, se utilize da consciência centrista de certas camadas estudantis e possa tornar a vir a ser o entrave número um da radicalização das massas.

Neste nível de decadência, o Conselho de Repúblicas não poderá ser "mais uma trincheira de luta", apesar de um último e vão esforço de alargamento de base da instituição.

Por outro lado, todas as ilusões cooperativistas, do tipo cooperativa de inquilinos, só poderão reiterar uma política reformista visando a constituição de ilhas de um "socialismo de face humana" dentro da sociedade capitalista, com a qual vai pactuando e contra a qual se recusa a lutar globalmente.

O que restará ao C.R. será conservar a sua faceta tradicionalista, imbuída de um certo casticismo de fados, copos de vinho, campeonatos de matreiros e suecas com um fundo negro de capas e gatinas.

... Enfim abandonamos!...

REPÚBLICA DOS LOCO-Y-OMÁRIOS

REPÚBLICA DOS PIM-PIM-HELAS

REPÚBLICA TRUMFÉ-KOPOS

COIMBRA, 28/11/70.